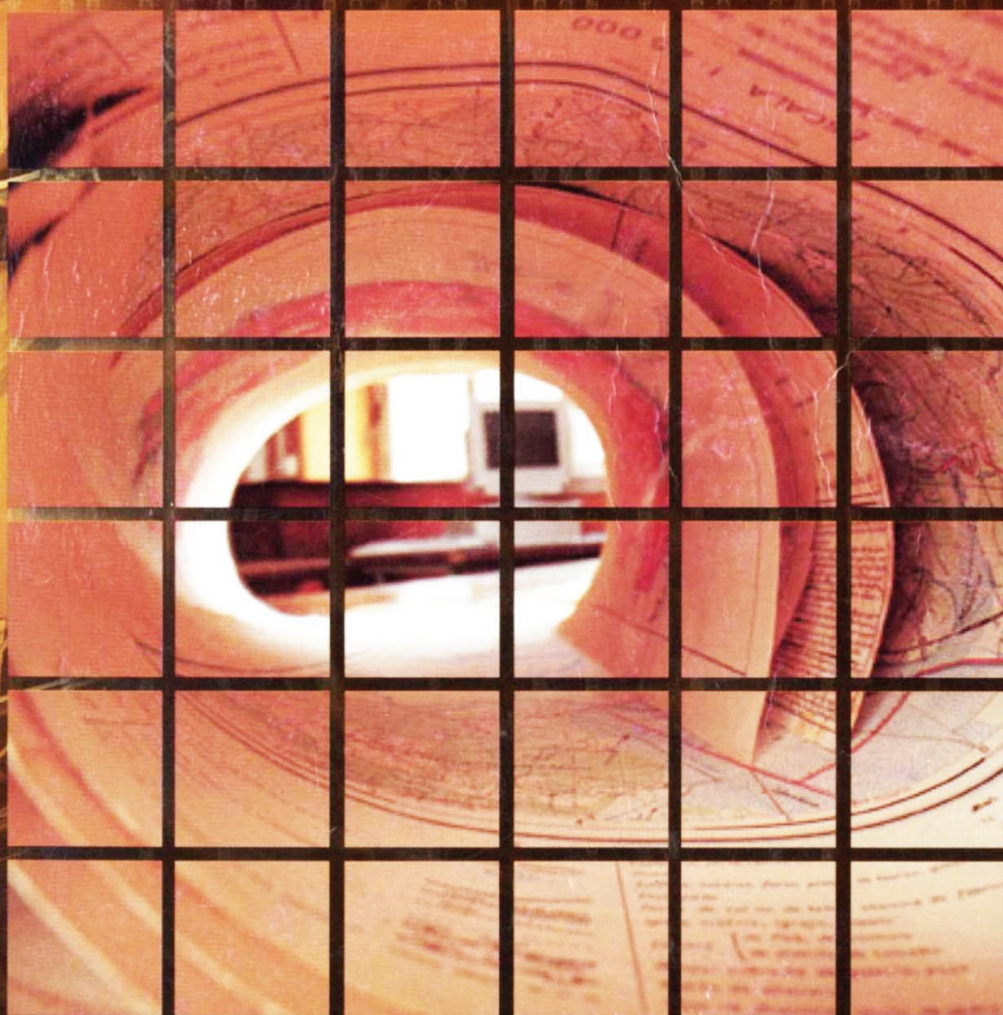


Instituto de Estudos Geográficos
Centro de Estudos Geográficos

Cadernos de Geografia



Nº 21/23 - 2002/04

Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra

Súmula sobre as mesas-redondas do IV Colóquio da Geografia de Coimbra

António Campar de Almeida

Centro de Estudos Geográficos
Universidade de Coimbra

A fim de auscultar a opinião e sensibilidade de outras personalidades influentes na comunidade cidadina de Coimbra, para além das pessoas que se apresentaram com comunicações neste colóquio, foram organizadas duas mesas-redondas com os temas propostos, respectivamente, de *Coimbra sentida e vivida*, na tarde de 10 de Outubro, e de *Coimbra: uma ideia em contínua construção*, na tarde de 11 de Outubro.

Na primeira mesa-redonda, com moderação da Prof^a Fernanda Delgado Cravidão, participaram a Dr^a Adília Alarcão, o Dr. Cristóvão de Aguiar e o Prof. Carlos Amaral Dias. Na segunda, moderada pelo Prof. Fernando Rebelo, participaram o Magnífico Reitor Prof. Fernando Seabra Santos, o Eng^o João Rebelo, o Prof. José Manuel Pereira de Oliveira e o Prof. Gonçalo Byrne.

A Prof^a Fernanda Cravidão abriu a primeira mesa-redonda salientando que a diferente formação e vivência dos três intervenientes permitiam um olhar transdisciplinar do espaço em causa, ou seja, como estava subjacente no título proposto, uma abordagem cultural sobre um território sentido e vivido, de certo modo um olhar sobre o seu passado, mas não esquecendo que este passado só é importante porque existe futuro. Coimbra, apesar de ser das cidades mais debatidas e reflectidas, ainda não esgotou a necessidade de novas reflexões e esta seria outra possível.

A Dr^a Adília Alarcão encaminhou a sua intervenção em torno do desequilíbrio que nota no processo de urbanização da cidade de Coimbra nas últimas décadas. Desequilíbrio que é fruto de um crescimento de certo modo caótico, apesar da cidade, no seu núcleo central, possuir uma volumetria equilibrada com a topografia. Salientou, também, a falta de qualidade de vida que pode ser usufruída em prédios que são construídos em sítios com fracas condições naturais para habitação, exemplificados com a base de vertente do Monte da Esperança, Santa Clara, e a vertente norte da Conchada que são autênticos atentados urbanísticos.

Em homenagem, de certo modo, aos cantores de Coimbra e, em especial, do Mondego, as margens deste rio deveriam ser praticamente intocadas, mantendo, assim, parte da coroa verde que até há poucos anos rodeava a cidade e lhe emprestava um certo encanto.

Pensa que a criação de vários centros urbanos veio baixar o sentimento de pertença da cidade; este fenómeno, aliás, parece estar a verificar-se também ao nível do bairro, da rua e mesmo do prédio. Esta sensação ajuda a tornar as ruas em lugares inóspitos.

Numa intervenção com forte cariz literário, timbre a que nos habituou, Cristóvão de Aguiar transportou-nos até aos anos sessenta, aos momentos em que ele, ilhéu ainda atónito, contacta pela primeira vez com um mundo tão diferente da sua ilha longínqua.

Apoiando-se sempre na sua vivência pessoal, mostrou as contradições por que passava Coimbra, num tempo em que conviviam as tradições anquilosantes de uma praxe académica dura e castradora, com a efervescência de uma academia onde se preparava, e mais tarde efectuava, uma luta de cariz político-cultural que viria a desencadear a primeira das chamadas crises académicas, abaladoras da estabilidade do regime político há muito vigente no país.

Muita da discussão, alimentada na insatisfação social que grassava pelo país, tinha por palco as tradicionais estruturas académicas coimbrãs das Repúblicas, onde também viveu, assim como, exigindo mais algum cuidado, as tertúlias de café que, a partir de certo momento, frequentou. Nestas, onde se salientam as da Brasileira, pontificavam nomes sonantes da cultura portuguesa, por norma associados à Universidade de Coimbra.

Nesse tempo, em que as comunicações eram mais morosas, os estudantes, oriundos de outras bandas, quedavam-se por aqui mais tempo e acabavam por se impregnar mais da própria cidade e do que cá se produzia. Destarte, *"dir-se-ia que Coimbra, que também faz parte do meu roteiro afectivo e sobretudo cultural, me forneceu a ferramenta sem a qual*

não poderia carpintear a minha escrita nem ordenar o meu desordenado pensamento..."

O Prof. Amaral Dias, por seu lado, abordou Coimbra pelas suas relações com os movimentos culturais e no papel que ela pode ter no desenvolvimento dessa mesma cultura. Apesar de ser um filho desta cidade, aproveita o facto de desde há muito se ter deslocado e trabalhado noutras cidades, mais cosmopolitas, para poder ver a sua do lado de fora.

Na sua opinião, Coimbra, apesar de ser uma cidade universitária, estagnou, atrasou-se, ao longo do séc. XX, porque não foi varrida pelos movimentos da modernidade, do surrealismo, por exemplo, como o foi Lisboa, não obstante ter tido algum protagonismo no neo-realismo.

Por outro lado, usou a cidade de Jerusalém como metáfora para a de Coimbra, já que ali tudo o que há é memória do passado. Nesse sentido, mesmo sabendo que não tem condições para produzir outra coisa que não seja saber, ela necessita de ser reinventada, precisa de produção de riqueza e diferença, para se implantar no tempo; se não o fizer arrisca-se a estiolar e morrer.

Na segunda mesa-redonda, cujo tema geral era "*Coimbra: uma ideia em contínua construção*", o Prof. Fernando Rebelo abriu a discussão tecendo algumas considerações sobre a área de influência da Universidade de Coimbra, a fim de contestar algumas ideias que por vezes são propaladas acerca da pretensa regionalização da nossa Universidade. Chamou à sua intervenção "*O poder de atracção da Universidade de Coimbra - dados de 2001-2002 - e a análise de um caso concreto - a origem dos licenciados pela Faculdade de letras em 1998*".

Para o ano de 2001-2002 verificou que, dos quase 22.000 alunos da Universidade, cerca de 6% eram alunos estrangeiros, principalmente da CPLP, mas também da União Europeia e de outros países. Como cerca de 15% dos alunos portugueses nasceram no estrangeiro, conclui-se que mais ou menos um em cada 5 alunos da Universidade nasceu no estrangeiro.

Mas dos licenciados em Letras no ano de 1998 regista-se uma influência ainda mais longínqua. Cerca de 25% são nascidos no estrangeiro; naturais de Coimbra, 20%; até uma distância de 100 km, 26%; entre 100 e 200 km, 20%; e para além de 200 km, 9%. Ou seja, juntando os alunos de origem estrangeira, mais de um terço deles são de uma proveniência exterior à Região Centro, o que contraria a ideia do localismo ou regionalismo da Universidade de Coimbra.

O Prof. Seabra Santos fez incidir a sua intervenção sobre o importante papel que a Universidade

continua a ter na cidade de Coimbra, mesmo nos seus aspectos estruturais. Não só pelo peso populacional dos seus 20.000 estudantes, mas também por cerca de 70% destes serem de áreas afastadas, de tal modo que têm necessidade de se alojarem na cidade. Este facto, aliás, tem incentivado a Reitoria a procurar aumentar, dentro das possibilidades, o número de residências universitárias que são, ainda, claramente insuficientes face àquela elevada procura.

De seguida, centrou a sua exposição sobre as beneficiações, alterações e construções que estão a ser ou serão, em breve, levadas a cabo nos três principais pólos da Universidade e que, em conjunto, ajudam a alterar a fisionomia e a dinâmica desta cidade. Na Alta universitária, Pólo I, salientou a requalificação do Laboratório Químico com vista à instalação do Museu das Ciências; a limpeza e remodelação do Colégio da Trindade, um edifício do séc. XVI, que estava em grande degradação; a demolição de um edifício anexo ao Colégio de S. Jerónimo e construção de outro entre este colégio e o das Artes, para além da reorganização dos serviços académicos e de Faculdades.

No Pólo II irá ser iniciada a construção das faculdades de Psicologia e de Ciências do Desporto, para além da construção dos acessos principais por parte da Câmara Municipal.

No Pólo das Ciências da Saúde, Pólo III, irão ser continuados os edifícios da Faculdade de Medicina, a que se acrescentarão mais quatro edifícios para a Biblioteca Central, a Faculdade de Farmácia, uma residência universitária e um restaurante universitário. Prevê-se, também, a construção de um reactor nuclear, único no país, para apoio às ciências da saúde.

O Eng^o João Rebelo, vereador da Câmara Municipal de Coimbra, procurou mostrar a força, as potencialidades e as alterações estruturais que estão a ser projectadas para a cidade e município. Começou por salientar a capacidade atractiva de Coimbra ao receber diariamente cerca de 49.000 pessoas enquanto dela saem 11.000 e, destas, essencialmente quadros. Também tentou contrariar a ideia de que tem sido construída habitação a mais em Coimbra, já que se registam mais cerca de 2000 famílias do que de alojamentos familiares.

Para si, as grandes referências que andam associadas a Coimbra são as de: cidade do conhecimento, cidade com rosto humano, saudável, cidade empreendedora, centro do Centro e modelo cultural. Sublinhou que o facto de Coimbra ser conhecida no mundo e de ser uma cidade do conhecimento podem ser alavancas para a promoção do empreendedorismo que, associado

à sua forte capacidade turística cultural e de eventos, podem ser vias e catalizadores do seu desenvolvimento.

O forte crescimento do espaço construído veio salientar as deficiências de circulação na cidade que apenas serão debeladas com a conclusão, para breve, da circular externa, assim como da construção da variante sul do IC2. Também em termos estruturantes, acha muito importante a construção do nó rodo-ferroviário de Coimbra-B que apenas está parado por terem sido reprovados projectos de alargamento da ferrovia no troço que abrange esta estação.

O Prof. Gonçalo Byrne, como professor de Arquitectura, desenvolveu algumas reflexões em torno da problemática da construção da cidade.

Começou por acentuar que Coimbra, como qualquer cidade, tem vida própria e é fruto de uma ideia, mas, enquanto um edifício depois de construído fica entregue a si próprio, sujeito a um processo de tempo, a cidade é uma entidade em contínua construção. A maneira como essas ideias se plasmassem nessa construção, é a história da própria cultura da cidade e da sua vida, como é o caso de Coimbra, com os seus mais de 2000 anos. Hoje, aqui, há demasiadas ideias em construção.

Depois de fazer um breve traçado da evolução morfológica da cidade, desde os tempos medievais até ao séc. XX, considerou que o *boom* académico dos anos 60 levaram a uma periferação de Coimbra, com o aumento das infra-estruturas rodoviárias, passando a ser uma cidade dos tempos curtos, dos movimentos pendulares.

Considerou que o grande problema que se põe agora é saber que ideias estão em construção e como estas podem ser vistas no âmbito de uma cidadania que deve ser exercida de modo a ter um papel activo

sobre a qualidade dos projectos que interferem sobre a qualidade do território e da paisagem.

O Prof. Pereira de Oliveira fechou as apresentações iniciais dos intervenientes com uma autêntica aula de Geografia Humana cujo tema-base era a regionalização. Não deixou de fazer apelo às suas memórias sobre Coimbra e a sua Alta em demolição e reconstrução, lembrando que esta cidade, além de ser história e geografia, também é uma intenção.

Ao deambular em torno dos conceitos de região, que procurou clarificar, lamentou que muitas vezes as regiões sejam definidas e delimitadas em função de razões ou intenções políticas, portanto de poder, e não das dinâmicas sócio-económicas e biofísicas. A metodologia mais correcta deve basear-se no levantamento de todas as condicionantes físicas e humanas do país, ou seja, a elaboração de um verdadeiro atlas que seria a base importante para todo o planeamento do país. Passaria, também, pela definição de valores-padrão que teriam uma primeira base demo-geográfica e depois uma interligação o mais completa possível com parâmetros de posição como os fisiográficos, climatológicos, geológicos, etc.

Recordou que as regiões se organizam em função de uma evolução histórica e, por isso, os seus limites ou fronteiras são sempre dinâmicos e com funcionalidades mutáveis, fruto das vicissitudes sociais e/ou políticas, sendo o exemplo mais flagrante o das fronteiras dos países da União Europeia nos últimos tempos.

Depois destas intervenções seguiu-se um debate com o auditório, com a emissão de opiniões distintas e o pedido de clarificação de algumas das ideias entretanto expostas.